

Emílio e Gertrudes: protagonistas do educar e cuidar

Letícia Águida Bento Ferreira*

Resumo

O artigo propõe uma aproximação das obras clássicas de Jean-Jacques Rousseau – *Emílio, ou da Educação* (1762) – e de Johann Heinrich Pestalozzi – *Como Gertrudes ensina seus filhos* (1801) – para apreender suas ideias pedagógicas e como elas se articulam na discussão sobre o binômio *educar e cuidar* na educação infantil atual. O artigo parte de um estudo bibliográfico que abarca as duas obras clássicas acima citadas e, como referência para as questões do *educar e cuidar*, apoiou-se nos estudos de Sônia Kramer (2008) e Léa Tiriba (2005). No tensionamento entre os pensadores iluministas e o *educar e cuidar* percebe-se como essas ideias pedagógicas influenciaram a organização das propostas educacionais contemporâneas. Destaca-se a formação do ideal de professora a partir da imagem da mãe educadora e a transposição do modelo de educação doméstica para a educação pública. Esses são fatores que contribuem para o caráter hierarquizado e dicotômico que o *educar e cuidar* ganhou historicamente no cotidiano das unidades de educação infantil. Ao fim do estudo, infere-se que as relações educativas compreendem ações de cuidado, por isso o uso do *educar* deveria bastar para demarcar a especificidade da educação infantil.

Palavras-chave: Educar e Cuidar. Educação Infantil. Rousseau. Pestalozzi.

Introdução

A proposta de estudar os clássicos foi o desafio colocado pelos professores da disciplina *Pensamento Educacional Contemporâneo*, no PPGE FAED/UEDESC, em 2020.2, pois ler os autores, em seus textos originais, implica em compreender além do que as palavras comunicam, também seu tempo histórico, os motivadores de suas reflexões, suas influências e inspirações. Ítalo Calvino (1993) e o seu livro “*Por que ler os clássicos?*” foi a leitura que desencadeou a importância desse exercício que estava sendo proposto.

Calvino, com sensibilidade e astúcia, enuncia em seu texto 14 propostas de definição sobre o que torna o texto um clássico. As reflexões desse artigo se inspiram em sua 9ª proposta sobre a definição de um clássico. Calvino (1993, p. 12) diz que “[...]”

* Mestranda na Linha Educação, Comunicação e Tecnologia do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Estado de Santa Catarina. Integrante do Grupo de Pesquisa Nexos: Teoria Crítica e Pesquisa Interdisciplinar – Sul. Supervisora Escolar da Rede Municipal de Ensino de Florianópolis.

E-mail: leticia.snos@gmail.com

os clássicos são livros que, quanto mais pensamos conhecer por ouvir dizer, quando mais são lidos de fato mais se revelam novos, inesperados, inéditos”.

Então, aproximando-se das obras de Rousseau e Pestalozzi, autores clássicos, busca-se compreender suas ideias pedagógicas e como elas se articulam na discussão sobre o binômio *educar e cuidar* na educação infantil.

Para esse movimento de aproximação e tensionamento é valoroso uma breve retomada histórica acerca de como o educar e cuidar tornou-se o objetivo e a especificidade da educação infantil no Brasil, a partir da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, nº 9394/1996. Assim como a apresentação de algumas ideias pedagógicas que caracterizam o pensamento de Rousseau e Pestalozzi nas obras *Emílio ou da Educação* e *Como Gertrudes educa seus filhos*, respectivamente, nas quais esses conceitos já estavam postos.

Articulando a questão “*Educar sem cuidar é possível?*”, com as ideias pedagógicas de Rousseau e Pestalozzi, analisa-se as fragilidades que o binômio enfrenta na prática cotidiana da educação infantil institucional.

Educar e cuidar: integrando creches e pré-escolas

Ter a educação infantil como primeira etapa da educação básica, com atendimento das crianças de 0 a 6 anos de idade¹, demonstra grande avanço nas políticas públicas para a infância no Brasil. Mas a trajetória até essa condição foi longa e de muitas lutas. Antes dos debates da Constituição Federal de 1988 as questões sobre a infância e a democratização dos acessos às creches, pré-escolas e escolas já se davam no campo da educação.

Durante a década de 1970 houve o aumento do número de universidades no Brasil, os movimentos contra o regime ditatorial militar e a pró-democracia foram ecoando mais fortes, o que trouxe para as décadas de 1980 e 1990, além da ampliação das temáticas de estudos, a diversificação do uso de processos metodológicos em pesquisas acadêmicas e o desenvolvimento dos programas de pós-graduação em mestrado e doutorado (GATTI, 2012). Nesse contexto acadêmico, e com o início do movimento de redemocratização e pelo fim da ditadura no Brasil, volta-se o olhar sobre o atendimento às crianças pequenas, começa-se a questionar o Estado na sua atuação assistencialista

¹ Educação infantil (creche e pré-escola), compreendendo que na primeira etapa da educação básica (BRASIL, 1996) atendemos crianças de 0 a 6 anos de idade. Pois, segundo a legislação vigente (BRASIL, 2018), a criança que tenha 6 anos de idade completos até 31 de março do ano de sua matrícula terá que fazê-la no primeiro ano do ensino fundamental. Com isso, as crianças que completarem 6 anos de idade após essa data continuam matriculadas até o final do ano letivo na educação infantil.

nas creches e preparatória na pré-escola. Assim, as décadas de 1970, 1980 e 1990 tornam-se efervescentes na discussão e elaboração de políticas públicas para educação. Desses movimentos e articulações, políticas e sociais, o Brasil escreve um conjunto de legislações de vanguarda no que se refere aos direitos dos cidadãos, como a Constituição Federal de 1988, o Estatuto da Criança e Adolescente no ano de 1990, e a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, em 1996.

Reconhecer esse cenário ajuda a compreender o porquê *educar e cuidar*, binômio indissociável, objetivo e especificidade da educação infantil, ocupa nos documentos oficiais nacionais lugar de centralidade. Lugar conquistado a partir de campos de disputas e engajamentos de pesquisadores, movimentos sociais e agentes públicos entre as décadas de 1970 e 1990.

Segundo Sônia Kramer (2008, p. 75):

Já se colocavam, naquele momento, dois pólos em discussão na educação infantil: a visão preparatória, relativa ao ensino e pertinente à dimensão escolar; e a visão da guarda, proteção e tutela. Neste debate percebíamos que os dois pólos eram muito arriscados um sem o outro, porque a educação infantil não pode ser compreendida como espaço onde se instrui nem como lugar só de guarda e proteção, lugar de cuidar e assistir. Acabávamos de superar, pelo menos no campo teórico a visão de creche como como guarda e tutela e a de pré-escola como espaço de preparação para escolaridade. Acabávamos de propor que creches e pré-escolas fossem reconhecidas como parte do processo educativo (que se configurou, pouco depois, como uma das conquistas da LDB); lutamos para que o trabalho, feito especial com as crianças pequenas não fosse identificado como trabalho escolar. E, ao denominar a função, que não é só de assistência, guarda, tutela ou proteção, recorreu-se ao termo cuidar.

Houve, então, um acordo para um determinado momento histórico, considerando-se as forças que compreendiam as especificidades da área de atuação da educação infantil e tendo-se essa “unificação” (creche e pré-escola) como responsabilidade da educação. Foram estabelecidos consensos que pudessem qualificar ainda mais as ações educativo-pedagógicas com as crianças. Dessa forma, o binômio *educar e cuidar*, de alguma maneira, sustenta as especificidades das crianças de pouca idade e, assim, torna-se presente em documentos oficiais do Ministério da Educação, como no Referencial Curricular Nacional para Educação Infantil (RCNEI/1998) e na Base Nacional Comum Curricular (BNCC/2017), em pareceres e resoluções do Conselho Nacional de Educação e, como desdobramento, nas políticas educacionais dos municípios.

Emílio e Gertrudes

Emílio e Gertrudes são personagens ficcionais dos pensadores iluministas Rousseau e Pestalozzi, respectivamente, que de forma inovadora para a época trouxeram para a sociedade dos séculos XVIII e XIX discussões relativas à educação do homem em um período de grandes transformações sociais, econômicas e políticas. Silva e Conti (2018, p. 2018, p. 54) pontuam em seu estudo que

Os novos modelos pedagógicos que surgem no final do século XVIII e início do século XIX tem como elemento comum a ampliação do conceito de instrução para a ideia de educação. Significa dizer que a preocupação inicial comeniana de 'ensinar tudo a todos' se transveste em uma ideia de formação humana relacionada menos aos conhecimentos instrumentais e mais às condutas sociais, morais e éticas. Fruto das condutas sociais, morais e éticas. Fruto das reflexões antropocêntricas do Iluminismo, as propostas pedagógicas a partir do século XIX se voltam para o desenvolvimento humano, suas potencialidades e seu intelecto.

No livro *Emílio, ou da Educação*, de 1762, Jean-Jacques Rousseau² elabora um detalhado tratado sobre educação. Acompanhando Emílio do nascimento aos seus 25 anos, quando se torna adulto, Rousseau inaugura a ideia da educação a partir do nascimento. Assim, desde bebê deve-se pensar no desenvolvimento do homem, mantendo cuidados com a alimentação, com as diferentes formas de manifestação do/a bebê/criança e com a construção de vínculos com a mãe e o preceptor. Rousseau compreende a infância, em suas especificidades, como um momento privilegiado e a criança como um ser humano completo e repleto de potencialidades.

A infância tem maneiras de ver, pensar, de sentir que lhe são próprias; nada menos sensato do que querer substituí-las pelas nossas, seria o mesmo exigir que uma criança tivesse cinco pés de altura como juízo aos dez anos. Com efeito, que lhe adiantaria ter razão nessa idade? Ela é o freio da força, e a criança não tem necessidade desse freio (ROUSSEAU, 1979, p. 60).

Nessa obra Rousseau planeja a educação de Emílio a partir das experiências concretas com a natureza, buscando a ampliação de seu conhecimento por meio das artes, música, manipulação dos objetos, diálogos e vivências de perdas e ganhos. Uma educação dos e para os sentidos. Nas palavras do autor:

² Jean-Jacques Rousseau (1712-1778), filósofo iluminista, pregava a liberdade como valor supremo. Sobre a educação considerava que o homem é naturalmente bom, a sociedade é que o degenera.

Transformemos nossas sensações em ideias, mas não pulemos de repente dos objetos sensíveis aos objetos intelectuais. É pelos primeiros que devemos chegar aos outros. Que os sentidos sejam sempre os guias em nossas primeiras operações do espírito: nenhum outro livro senão o do mundo, nenhuma outra instrução senão os fatos. A criança que lê não pensa, só lê; não se instrui, aprende palavras (ROUSSEAU, 1979, p. 132).

A proposta de educação de Rousseau sai do campo da teoria pelas mãos de Johann Heinrich Pestalozzi³. O educador suíço colocou em prática, nas experiências educacionais em Stans (1798), Bugdorf (1799 a 1804) e em Yverdon (1805 a 1825), a história vivida por Rousseau e Emílio. Pestalozzi acolhia em seus institutos educacionais crianças de diferentes idades, quase sempre pobres, em regime de internato, e as oferecia o que considerava fundamental para o processo de aprendizagem, segurança e afeto.

Pestalozzi, assim como Rousseau, acreditava ser necessário respeitar os estágios de desenvolvimento das crianças, dar atenção aos seus progressos desafiando-os, fisicamente e intelectualmente, através de situações concretas da vida prática. Com isso, as propostas educacionais desenvolvidas pelos pensadores afastavam-se completamente do modelo autoritário e violento vigente na época.

Durante os anos dedicados à educação, Pestalozzi produziu muitos trabalhos escritos como forma de divulgar seu método inovador, que não se limitava à assimilação de conhecimentos, mas que pretendia desenvolver três dimensões humanas: cabeça, mão e coração. Dessa forma, o aprendizado se daria pela formação moral, física e intelectual.

Gertrudes é a personagem resgatada do seu romance *Leonardo e Gertrudes* (1781), para o título de sua obra clássica *Como Gertrudes educa seus filhos*⁴ (1801). A obra é composta por 14 cartas dirigidas a Heinrich Gessner, seu amigo e editor em Zurique. Nela, Pestalozzi divulga seu trabalho de forma histórica e sistemática, apresentando o método de ensino criado em Burgdorf. Nessa obra e em outra escrita entre 1818 e 1819, *Cartas sobre a Educação Infantil*⁵, Pestalozzi apresenta contundentemente o papel da mãe como fundamental na educação dos seus filhos. A imagem da mãe educadora ganha

³ Johann Heinrich Pestalozzi (1746-1827), reformador educacional suíço, defendia a educação dos mais pobres e acreditava que os sentimentos podiam despertar o processo de educação autônoma da criança. Poucos escritos de Pestalozzi foram traduzidos para português.

⁴ É possível encontrar essa obra, como: *Como Gertrudes educa seus filhos*; *Como Gertrudes instrui seus filhos*; *Como Gertrudes ensina seus filhos*. Isso ocorre devido a tradução do original, *Wie Gertrud ihre lehrt*.

⁵ *Cartas Sobre a Educação Infantil* é uma obra composta por 34 cartas que Pestalozzi enviou a seu amigo inglês James Perpoint Greaves, entre 1818 e 1819.

força quando o texto trata da importância da relação mãe e filho na formação da base dos sentimentos da criança, sentimentos religiosos e morais (AMORIM, 2018). Como descreve Pestalozzi na carta XXIII, encaminhada a Greaves:

Entre tudo quanto pude ver, o quadro mais agradável foi o de uma mulher pobre que irradia ao seu redor um espírito de alegria calada, mas risonha, que é para seus filhos manancial perene de nobres sentimentos, dando-lhes exemplo de como pode afastar-se tudo aquilo capaz de ofender o gosto de uma pessoa acostumada a mover-se em um ambiente cultivado. E observei isto inclusive em algumas circunstâncias tão difíceis que parecia isso impossível. Estou firmemente persuadido de que só se pode chegar a isto graças a um autêntico espírito de amor maternal. Este sentimento, do qual nunca repetirei o bastante que é capaz de uma elevação só concedida aos sentimentos humanos mais nobres, se acha em conexão íntima com um afortunado instinto que levará a um caminho situado a igual distância da indiferença e da preguiça que refinamento artificial (PESTALOZZI, 2010, p. 94).

Nas *Cartas sobre a Educação Infantil* a palavra mãe praticamente funciona como sinônimo de amor. Para Silva e Conti (2018, p. 62), no amor materno que Pestalozzi descreve, “[...] reside a passividade feminina e vocação para ensinar” em volta de “[...] uma feminilidade carregada de sensibilidade, tranquilidade e incondicionalidade”.

De alguma forma essa imagem da mulher-mãe-educadora, dócil e resignada, romantizada por Pestalozzi, fundamentou a construção do ideal da professora da educação das crianças pequenas, no século XX.

Rousseau e Pestalozzi, com suas ideias pedagógicas que valorizavam a percepção da realidade a partir das experiências, da intuição e curiosidade, acabam por influenciar diversas perspectivas educacionais do século XX, especialmente o movimento da *escola nova*⁶.

Educar sem cuidar, é possível?

Retomando a contextualização sobre o *educar e cuidar*, a escolha pelo binômio se deu por um consenso da área, como forma de garantir aspectos da especificidade das crianças pequenas e afastando desse grupo social os formatos de instrução e preparação para as etapas educacionais seguintes, ou de mero atendimento

⁶ Como princípios básicos da Escola Nova destacam-se: a valorização dos interesses e necessidades da criança; a defesa da ideia do desenvolvimento natural; a ênfase no caráter lúdico das atividades infantis; a crítica à escola tradicional, porque os objetivos desta estão calcados na aquisição de conteúdos; e a consequente prioridade dada pelos escolanovistas ao processo de aprendizagem (KRAMER, 1993, p. 25 apud MARQUES; PEGORARO; DA SILVA, 2010).

assistencialista. Assim, na busca de uma identificação pedagógica que respeitasse a especificidade das crianças, o *educar e cuidar* torna-se o objetivo e a finalidade da educação infantil.

No cotidiano das unidades educativas observa-se, e muitas vezes sente-se, uma perspectiva reducionista e dicotômica no *educar e cuidar*. Muitos são os fatores que tensionam para essa compreensão equivocada dos fazeres na educação com as crianças pequenas, o aspecto histórico de atendimento às crianças no Brasil; a falta de compreensão acerca do desenvolvimento infantil e suas especificidades; o valor social que as crianças pequenas têm na sociedade; formação docente na área da educação infantil; aspectos políticos e ideológicos nas políticas públicas, e tantos outros.

Diante desses fatores destaca-se como consequência a hierarquização entre as ações de *educar e cuidar*, desprestigiando o corpo em relação à mente. Léa Tiriba (2005, p. 68) chama a atenção para uma das possíveis origens dessa diferenciação quando coloca que a solução conceitual do binômio *educar e cuidar*:

[...] teve o mérito de assumir o corpo como objeto da educação, mas não resolveu questões colocadas pela prática: ao contrário, tem provocado muita confusão! Entre outras coisas porque, no Brasil, os trabalhos de cuidar do corpo, estão relacionados, no passado, às escravas e atualmente às mulheres das classes populares.

É possível associar essa condição posta por Léa Tiriba entre o *educar e cuidar* ao retomar-se dois aspectos das ideias pedagógicas de Rousseau e Pestalozzi. Ambos compreendiam a necessidade de atenção aos cuidados com a criança como forma de garantir seu desenvolvimento, depositando essa função à mãe. Contudo, demarcavam que as aprendizagens significativas e estruturantes para a vida aconteciam quando a criança tinha mais idade e estava sob a tutela de um preceptor ou professor. Mesmo havendo distanciamento temporal entre tais ideias, e reconhecendo os distintos tempos históricos que as separam, é possível perceber a influência do pensamento desses autores na organização educacional contemporânea.

A idealização da mulher-mãe como primeira educadora, feita pelos pensadores iluministas, compõe o espectro da professora das crianças pequenas. Alessandra Arce (2001, apud AMORIM, 2018) considera que essa condição mulher-mãe-educadora potencializou-se em função do ambiente da educação doméstica ter sido o modelo para organização dos espaços públicos de educação. O que reforça, de alguma forma, os aspectos de cuidado na educação das crianças pequenas, como, também, a educação infantil sendo um espaço de trabalho feminino.

Contudo, é necessário superar as visões reducionistas sobre o cuidado, compreendendo que ele está presente em toda a relação educativa, independente da etapa de ensino (KRAMER, 2008). Práticas mecanizadas de cuidado (alimentação, troca, sono etc.) ferem profundamente a ideia da criança cidadã, sujeito de vez e voz, pois ignora as suas capacidades de comunicação e compreensão do que acontece consigo e ao seu redor. Relações de cuidado ultrapassam ações de atendimento às necessidades físicas e biológicas, são ações partilhadas entre crianças e adultos, muitas vezes por gestos, olhares, toques, diálogos, em que se comunicam, consolidando trocas, aprendizagens e afetos.

Considerações finais

Como Calvino (1993, p. 12) pontuou:

O clássico não necessariamente nos ensina algo que não sabíamos; às vezes descobrimos nele algo que sempre soubéramos (ou acreditávamos saber) mas desconhecíamos que ele o dissera primeiro (ou que de algum modo se liga a ele de maneira particular). E mesmo esta é uma surpresa que dá muita satisfação, como sempre dá a descoberta de uma origem, de uma relação, de uma pertinência.

Encontrar correspondências, fazer relações, (re)descobrir sentidos, (re)visitando e (re)significando conhecimentos foi a busca deste artigo.

As ideias pedagógicas de Rousseau e Pestalozzi marcam os modelos pedagógicos da atualidade. A forma progressista com que esses homens compreenderam, no seu tempo, questões tão caras à educação ainda hoje, tais como a importância das relações de afeto e vínculo; o reconhecimento da criança como um ser humano de competências; a infância como um tempo de sentir; o valor das experiências concretas para a aprendizagem, e outras que o artigo não alcançou.

Embora reconheça-se essas potencialidades no pensamento desses autores, ao tensionar-se questões do *educar e cuidar*, na educação infantil, observa-se que, especialmente, nas ações de cuidado e o papel da mulher/mãe/educadora essas ideias contribuem para a dicotomia do binômio, principalmente no que se refere à hierarquização entre eles.

Sônia Kramer (2008) e Léa Tiriba (2005) propõem refletir que, diante do fato das relações educativas contemplarem ações de cuidado com o outro, a razão do binômio se desfaz e, simplesmente, *educar* poderia ser o objetivo e a especificidade da educação infantil.

O artigo consolida a importância de conhecer a potência dos tempos históricos, referendando aqueles que há muito estão na luta pela consolidação de uma educação pública de qualidade para as crianças.

Referências

- AMORIM, L. O. **Cartas sobre Educação Infantil de Johann Heirinch Pestalozzi**: imagem de mãe na correspondência de educadores. 2018. 127f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Metodista de Piracicaba, São Paulo, 2018.
- BRASIL. **Lei nº 9394, de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm>. Acesso em: 02 maio 2021.
- BRASIL. Ministério da Educação. Portaria nº 1035, de 05 de outubro de 2018. Estabelece diretrizes operacionais complementares para a matrícula inicial de crianças na Educação Infantil e no Ensino Fundamental, respectivamente, aos quatro e aos seis anos de idade. **Diário Oficial da União**: seção 1. Brasília, DF, p. 43, 08 outubro 2018. Disponível em: <https://www.in.gov.br/materia/-/asset_publisher/Kujrw0TZC2Mb/content/id/44304737/do1-2018-10-08-portaria-n-1-035-de-5-de-outubro-de-2018-44304529>. Acesso em: 02 maio 2021.
- KRAMER, S. Direito da criança e projeto político pedagógico de educação infantil. In: BAZÍLIO, L. C.; KRAMER, S. **Infância, Educação e Direitos Humanos**. São Paulo: Cortez, 2008.
- CALVINO, Í. **Por que ler os clássicos**. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.
- GATTI, B. A construção metodológica da pesquisa em educação: desafios. **RBP**, v. 28, n. 1, p. 13-34, jan./abr. 2012.
- MARQUES, C. M.; PEGORARO, L.; DA SILVA, E. T. Do assistencialismo à Base Nacional Comum Curricular (BNCC): movimentos legais e políticos na Educação Infantil. **Revista Linhas**, Florianópolis, v. 20, n. 42, p. 255-280, jan./abr. 2018.
- ROUSSEAU, J. J. **Emílio, ou da Educação**. 3. ed. São Paulo: DIFEL, 1979.
- SILVA, A. R. N.; CONTI, C. L. A. As Ideias Pedagógicas de Rousseau e Pestalozzi: apontamentos sobre o projeto de masculinidade iluminista. **Teoria e Prática da Educação**, v. 21, n. 1, p. 53-66, 23 nov. 2018.
- SOËTARD, M. **Johann Pestalozzi**. Textos Selecionados: Como Gertrudes instrui seus filhos. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Editora Massangana, 2010. (Domínio Público - 1ª, 5ª e 6ª cartas)
- TIRIBA, L. Educar e cuidar: buscando a teoria para compreender os discursos e as práticas. In: KRAMER, S. (Org). **Profissionais de educação infantil**: gestão e formação. São Paulo: Ática, 2005.